
ACERCA DO ELEMENTO DIFERENCIAL NA GENEALOGIA DE NIETZSCHE NA INTERPRETAÇÃO DE DELEUZE

Tiago Rickli

Resumo

Nossa pesquisa investiga uma questão importante para compreensão da leitura realizada por Deleuze sobre o pensamento de Nietzsche: perguntamo-nos o que Deleuze compreende por elemento diferencial. Podemos ver tal expressão atravessar a obra na qual expõe Deleuze sua interpretação de Nietzsche: encontramos-la logo nos primeiros passos de sua *démarche*, assim como em seus desenvolvimentos posteriores. Segundo Deleuze, quando perguntamo-nos sobre a problemática dos valores – problemática incontornável em um estudo sobre a filosofia de Nietzsche –, reconhecemos a empresa nietzschiana em seu perscrutar a origem do valor dos valores, seu solo de geração. Eis propriamente uma das tarefas da filosofia crítica de Nietzsche: rastrear o solo de proveniência dos valores, fazer sua genealogia. Deleuze, por sua vez, interpreta o problema da gênese dos valores em Nietzsche como uma avaliação crítica e criativa que se define como o elemento diferencial dos valores que lhe correspondem. Nossa busca envolve-se com a tentativa de compreensão de como pensa Deleuze quando concebe que a criação do valor dos valores é gerada a partir de um elemento diferencial que define seu valor, e quais outras questões relativas ao problema do elemento diferencial devem ser levantadas.

Palavras-chave

elemento diferencial, genealogia, valor.

Acerca do Elemento Diferencial

Nas páginas seguintes, procuraremos explorar um problema que se levanta na interpretação de Deleuze sobre Nietzsche: Deleuze denomina elemento diferencial o termo determinante na gênese de valores, na sua produção. Isso vale dizer que um valor tem sua geração em função do elemento diferencial que lhe define. Para elucidar essa interpretação, investigaremos como procede a interpretação de Deleuze sobre a Filosofia de Nietzsche: os apontamentos, desdobramentos e reflexões geradas no percurso de sua obra. Segundo o que nos é indicado por Deleuze, é preciso ter em vista dois aspectos da natureza dos valores para uma compreensão da própria atividade do método genealógico: em um primeiro momento, os valores em sua aplicação e execução na apreciação dos fenômenos: seu estar à mão, “de saída” disponíveis na apreciação de um fenômeno, operando como princípios configuradores de uma perspectiva que julga e avalia; outro, gerativo: realização crítica e criativa de uma avaliação, na qual um valor é concebido. Detenhamo-nos nesse movimento para buscar elucidá-lo com mais precisão, uma vez que, bem compreendido, ele nos revela o que Deleuze pretende pelo que seja a filosofia dos valores e a realização crítica do pensamento de Nietzsche, o que acreditamos que seja condizente com o método genealógico elaborado por este.

Numa apreciação dos fenômenos, atribui-se honras ou desonras ao evento, objeto ou fenômeno considerado, imprime-se sobre o apreciado uma medida de valor. O apreciado – este que é tomado como objeto de apreciação – recebe uma medida de valor determinada através de uma gama de valores, os quais se têm compreendido para que a medição seja realizada, para que a apreciação seja viabilizada: uma medida de valor pressupõe uma gama de valores pelos quais efetua sua apreciação. Todavia, esses valores, que como princípios coordenam uma apreciação, de onde retiraram eles o seu valor? O que concedeu valor a esses valores? Esses valores que organizam uma apreciação e dão fundo a uma medição de natureza moral: de onde retiraram seu valor? O problema que se coloca diante de nós é a gênese desses valores: é traçar a proveniência, seu solo de criação. No apreciar os fenômenos, a apreciação executa-se através de valores pelos quais se estima o fenômeno. Mas e o valor desses valores, qual a sua procedência? Mais profundamente, os valores remetem a uma avaliação que lhes autentica um valor, uma avaliação crítica e criativa que define o valor dos valores que lhe são respectivos. Chama-se criativa, porque a avaliação, ao avaliar um fenômeno,

uma experiência vivida, concebe valores, cunha valores; crítica, pois define uma gama de valores e instaura um horizonte de medição a partir do qual se mede a experiência. Caracteriza-se como uma experiência crítica e criativa a avaliação que concebe um valor (observe-se como, nessa caracterização da gênese dos valores, o valor nunca é concebido indiferentemente na origem – “objetivamente”, “puro”, em-si –, mas sempre presidido por uma avaliação a qual é, ela mesma, registro de um certo humor que, presente em função de um estado de animação do avaliador – sem pressupor aqui qualquer exterioridade entre o estado de animação e o avaliador ele próprio –, prolonga-se qualitativamente no valor. Nietzsche crítica a tradição que procurou identificar a gênese da moral em um elemento sempre representado como indiferente na sua origem: “a pura forma de bem”; ou também, como Nietzsche denomina, “os genealogistas ingleses”, que buscam a origem do bom em supostos fatos objetivos verificados empiricamente: da constatação da incidência benéfica de uma ação, devemos ter transparecidos a ação boa e o que determinar por bom. Nas duas vias, como diz Deleuze, “a filosofia flutua no elemento indiferente daquilo que vale em si ou daquilo que vale para todos”: um fundamento ou um começo insípido para os valores, como o próprio comenta).

Até então, tratamos de examinar mais atentamente como opera o “estar apreciando um fenômeno”, o comportamento executado por aqueles que apreciam algo, como se servem de valores para emitir uma medida de valor e, em certa medida, como são concebidos os valores. Mas nossa pergunta sobre qual a gênese do valor dos valores ainda permanece abstrata, se não nos perguntarmos como é viabilizada uma certa avaliação, uma criação de valores. O que queremos dizer é o seguinte: compete à avaliação, crítica e criativa, definir o valor dos valores, é através dela que os valores são autenticados como tal. Porém, o que disponibiliza as condições de possibilidade para que uma certa avaliação seja engendrada? Para se compreender a gênese de um valor, pergunta-se agora pelo tipo de existência que gera um valor respectivo ao seu modo de ser, de existir: rastreia-se o modo de ser que é autor da avaliação. Há valores que só podem vir à luz em certos “ventres” que prescrevem as condições de possibilidade para que nasçam. No fundo, o que Deleuze quer nos dizer é que os valores requerem um a priori, ou melhor, múltiplos: um valor tem um princípio genético que viabiliza sua gênese, uma existência, um estado de animação, que realiza as condições de possibilidade para que um valor seja gerado. Isso fica claro quando Nietzsche, na

exposição da geração de valores na nobreza viking, procura apontar como, para os homens pertencentes a esta raça, era irrelevante na criação de seus valores qualquer cálculo utilitarista, ação compassiva ou desinteressada:

“Os nobres e bravos que assim pensam estão muito longe da moral que vê o sinal distintivo do que é moral na compaixão, na ação altruísta ou no desintéressement; a fé em si mesmo, o orgulho de si mesmo, uma radical hostilidade e ironia face à “abnegação” pertencem tão claramente à moral nobre quanto um leve desprezo e cuidado ante as simpatias e o ‘coração quente’” (NIETZSCHE: Além do Bem e do Mal, 1992, p.157) 1.

Eles vão assumir uma gama de valores respectiva ao que eles apreciam da existência deles, ao que se honra na nobre e brava maneira de ser deles. Nesse sentido, os valores de um indivíduo “denunciam” quem ele é: eles “traem” a ele próprio, na medida em que revelam em que tipo de existência circula esse indivíduo, que gama de valores compõe o norte desse indivíduo: eles só podem ser comoventes de uma existência que lhes certifique valor. É apenas em uma existência que lhes conceda valor, que autentique o valor dos respectivos valores, que eles podem ser assumidos como princípios de apreciação dos fenômenos e organizadores da ação. Paralelamente a isso que aqui expomos falamos, que os valores refletem modos de existência, Klossowski cita uma passagem na qual Nietzsche comenta como, a partir da composição musical, podemos reconhecer o sistema dos impulsos de um músico:

“Somente a partir de agora se torna claro no homem que a música é uma linguagem semiológica dos afetos: e, mais tarde, aprenderemos a reconhecer claramente o sistema dos impulsos de um músico a partir de sua música. Na verdade, ele não esperava de forma alguma trair-se dessa maneira. Nisso consiste a inocência desse modo de confissão” (KLOSSOWSKI: Nietzsche e o Círculo Vicioso, 2000, p.22).

Assim como na composição musical podemos ouvir os afetos pelos quais a música é obrada, revelando o arranjo pulsional do músico no qual a música criou-se, os valores de um homem também revelam a organização anímica que perfaz um indivíduo, são a música que vibra nesse corpo, as nuances de uma melodia ali se orquestrando. Como víamos, os valores são gerados em uma avaliação crítica e criativa, mas o valor concebido nessa avaliação é determinado em função de uma respectiva existência que lhe autentique como valor; eles estão em sintonia com um modo de ser, de existir, e se mostram como os signos deste, este modo “se denuncia” através dos valores que ele tem compreendido. Se, ao início, colocávamos que se fazia importante explicitar como

¹ Conferir também, sobre o problema da relação da existência e da gênese de valores aqui considerado, § 257; e em Genealogia da Moral, (I), §§ 2 e 5. Sublinhado nosso.

Deleuze interpreta o movimento de reconhecimento da origem dos valores, era justamente porque isso nos mostra como a filosofia dos valores, tal como elabora Nietzsche, retorna em uma filosofia crítica: genealogia, diz Deleuze, “quer dizer ao mesmo tempo valor da origem e origem dos valores” (DELEUZE: Nietzsche e a Filosofia, 1976, p.2). Isto é o movimento que descrevíamos precedentemente: a genealogia procura o valor da origem, mas igualmente tem compreendido a necessidade de perguntar-se por aquilo que possibilita a origem do valor. Para falarmos como Nietzsche: “sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor “bom” e “mau”?”. Ou ainda: “necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram” (NIETZSCHE: 1998, p.12). Eis a necessidade crítica que a genealogia exige: é por isso que Deleuze diz que a genealogia não apenas interpreta, ela avalia². Mas ela não avalia o valor “moralmente”, servindo-se de uma presumida moral que ela coroaria como mais elevada e da qual ela julgaria as outras à medida que aproximarem-se ou afastarem-se de sua própria identidade; o que se avalia é a existência que tornou possível a concepção de uma valoração, é o valor da origem e a origem dos valores. Lê-se mal Nietzsche quando se procura acusá-lo de proferir um modelo antípoda da moral predominante, fundá-lo arbitrariamente e daí dirigir uma crítica contra a moral regente, numa espécie de apelo a uma antiguidade perdida e em uma nostalgia a ancestrais mais nobres. De fato, é comum encontrar Nietzsche fazendo referências, e muitas vezes com reverência, a povos da antiguidade, como os gregos e romanos. Mas o que interessa a Nietzsche é o contraste que elas viabilizam, é uma diferenciação pela qual ele apresenta, justamente, tipos de existência diferentes que se comovem através de universos de valorações diferentes.

“Em que, então, é útil ao homem do presente a consideração monumental do passado, o ocupar-se com os clássicos e os raros de tempos antigos? Ele aprende com isso que a grandeza, que existiu uma vez, foi, em todo caso, possível uma vez...” (NIETZSCHE: Os Pensadores, 1999, p.276).

Em Humano, demasiado humano, também podemos encontrar Nietzsche tecendo considerações sobre a arte, na qual ele comenta igualmente esse aspecto de “retorno de dias apagados”, de “ritmos esquecidos” que a arte termina por transparecer,

² Há uma série de passagens que Deleuze trata a genealogia como “avaliar”. Como referência, ps. 1-6.

ainda que secundariamente (NIETZSCHE: Humano, Demasiado Humano, 2000, p.108). O fato de a compaixão possuir valor é, para Nietzsche, algo de inquietante, ao menos suspeito: devemos nos perguntar que condições propiciaram a criação da compaixão como valor e a legitimaram. Como vimos, isto é algo que historicamente preocupa Nietzsche: em gregos, romanos e nórdicos, nas suas gamas de valores, como apresenta Nietzsche, o “coração mole” não é uma virtude. Pelo contrário, os vikings, de acordo com Nietzsche, são homens que apreciam a dureza, nos seus contos encontramos essa apreciação: “‘Um coração duro me colocou Wotan no peito’, diz uma velha saga escandinava” (NIETZSCHE: Além do Bem e do mal, 1992, p. 156).

Pelo percurso empreendido, conseguimos elucidar com mais precisão o que são valores: seu procedimento na apreciação, na estimação, assim como o processo de geração de valores, a avaliação crítica e criativa na concepção de um valor. Mas vimos também mais que isso: vimos que, justamente quando tratamos do problema de sua criação, a problemática dos valores coloca uma questão que ultrapassa meramente a esfera moral e interroga um terreno de natureza ontológica, se assim quisermos: “sob quais condições o homem inventou para si os juízos de valor “bom” e “mal”?” (Nietzsche: Genealogia da Moral, 1998, p.9). Um valor, quando concebido, num ato de criação crítica, legitima-se em seu valor, ele é afirmado. Isso quer dizer que o valor só tem concedido um valor, ele é definido como tal, porque há algo que na geração do valor determina o valor como tal. Há, para tanto, uma existência, uma maneira de ser, que empresta ao avaliado valor, e o imprime em seu estado de animação. Nietzsche não remete os valores a uma instância puramente moral, isto é, de natureza singularmente da ordem da moral. Mais profundamente, todo valor faz referência a um princípio mais profundo, princípio cuja natureza é amoral. Assim, os valores que batem no peito de um indivíduo serão sempre sintoma de um arranjo de pulsões composto no seu interior, pulsões responsáveis pelo orquestrar de sua alma. E os valores, pensados a partir desse registro anônimo (anônimo, uma vez que ele não responde a um sujeito como seu fundamento, mas é o próprio princípio plástico constituidor de um indivíduo), receberam um outro estatuto e uma outra metodologia de avaliação.

Uma sintomatologia, como diz Deleuze, é como este compreende que a filosofia de Nietzsche se mostra na genealogia. Os valores são signos de uma existência que concede valor a uma gama de valores; mas a criação do valor é determinada a partir do modo de vida distintivo, operante, que como princípio defina o valor dos valores

assumido. Eis o motivo pelo qual nos vikings há uma falta de estima à compaixão: uma existência na qual predomina a bravura, a fé em si, o orgulho de si, a dureza e rigor consigo e a honra que se tem de si por essa conduta não dá abertura para a concepção de valores que uma outra maneira de ser permite; um modo de ser que, na geração de valores, vai conceber valores diferentemente dos originados na tradição cristã; vai dar estima a condutas que não aparecem apreciadas na moral da compaixão: “há coisas”, comenta Deleuze, quando pensando na genealogia de Nietzsche, “que só se pode dizer, sentir ou conceber, valores nos quais só se pode crer com a condição de avaliar ‘baixamente’, de viver e pensar ‘baixamente’” (DELEUZE: Nietzsche e a Filosofia, 1976. p.1) — assim como o contrário. “As avaliações, referidas ao seu elemento, não são valores, mas maneiras de ser, modos de existência daqueles que julgam e avaliam, servindo precisamente de princípio para os valores em relação aos quais eles julgam” (DELEUZE: Nietzsche e a Filosofia, 1976, p.1). O elemento supracitado por Deleuze é o elemento diferencial: elemento distintivo em uma existência que destaca nessa um modo de ser e, quando avalia criativamente, define o valor da avaliação. Elemento regente na animação do arranjo de pulsões que, na avaliação criativa, define o valor da avaliação. Os valores têm derivado seu valor de uma avaliação; a avaliação tem sua gênese a partir de certas condições disponibilizadas pelo tipo de indivíduo que, em um modo de existir, a concebe. Esse estado de ser operante, distintivo, que como ventre dá à luz a um valor, é o elemento diferencial. Como dizíamos acima, o problema da criação dos valores recai em uma esfera “além do bem e do mal”; Deleuze observa isso, tanto que comenta como as avaliações, quando referidas ao seu elemento de origem, transparecem como maneiras de ser. Elemento diferencial quer dizer o distintivo em um viver, a maneira de ser operante, pelo qual uma avaliação tem seu valor determinado e legitimado.

É importante em Nietzsche o fato de que ele olha para a moral de fora dela, acima, se quisermos. Ele destrona a moral predominante rastreando suas origens, e para proceder uma investigação que desvele as origens da moral, ele refere o valor que essa moral concede à configuração anímica na qual a valoração foi legitimada. O próprio Nietzsche declara sobre a inovação de princípio efetuada por ele no campo da moral, agora não mais visto como tal: “No lugar de valores morais, valores naturais puros. Naturalização da moral” (NIETZSCHE: A Vontade de Poder, 2008, 249). Valores naturais, sem fundamentos metafísicos derivados de um bem-em-si (uma instância

moral pura) ou objetivamente extraídos de uma análise limitada dos valores vigentes em curso (a legitimação dos valores institucionalizados sem sua devida avaliação crítica).

Há, por fim, pelo que foi rastreado aqui, prescrições existenciais que viabilizam as condições de possibilidade para a gênese dos valores, um estado de animação, como caracterizamos. É comportando uma certa disposição de ser, uma espécie de estado qualitativo composto de um arranjo de pulsões, que certos valores recebem autenticação de seu respectivo valor, que certos valores podem ser reconhecidos como propriamente tendo valor. Uma vez organizada essa animação em função do elemento operante que prioritariamente lhe configura (elemento anônimo, isto é, cuja natureza não pode ser reduzida ao produto ou atributo de um sujeito), os valores respondem como princípios definidos em virtude do elemento diferencial que os determina. Elemento diferencial transparece como a potência atuante e predominante na animação de um corpo-arranjo que dirige majoritariamente seu desenvolvimento. Genealogia, como método de rastreamento do elemento diferencial ou distintivo na animação de um corpo que em uma avaliação crítica e criativa gera um valor.

Referências bibliográficas

- NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado Humano*: um livro para espíritos livres. 2ª reimpressão. Tradução: Paulo César de Souza. Revisão: Renato Potenza Rodrigues e José Muniz Jr. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.
- _____. *Além do bem e do mal*: prelúdio para uma filosofia do futuro. 3ª reimpressão. Tradução: Paulo César de Souza. Revisão: Thaís Totino Richter e Olga Cafalchio. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. *Genealogia da Moral*: uma polêmica. 10ª reimpressão. Tradução: Paulo César de Souza. Revisão: Cláudia Cantarin e Eliana Antonioli. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. In: *Coleção Os Pensadores*: Nietzsche. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- _____. *A Vontade De Poder*. 1ª edição. Tradução: Marcos Sinésio Pereira Fernandez e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2008.
- KLOSSOWSKI, P. *Nietzsche e o círculo vicioso*. Tradução: Hortência S. Lencastre. Revisão: José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Pazulin Editora, 2000.

DELEUZE, G. *Nietzsche e a Filosofia*. Tradução: Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.